



Por que há tantas semelhanças entre os sonhos de Leí e de Joseph Smith Sr.?

“[E]is que em meu sonho julguei ver um deserto escuro e triste.”

1 Néfi 8:4

O conhecimento

Os capítulos iniciais do Livro de Mórmon contêm um relato de um sonho ou visão da Árvore da Vida dada ao profeta Leí (1 Néfi 8). Esta visão contém muitos elementos que se tornaram bem conhecidos — quase familiares — para os leitores membros da Igreja: um deserto escuro e triste (v. 4), um anjo guia (v. 5), um campo largo e espaçoso (v. 9), a Árvore da Vida com um fruto branco (v. 10), um rio de água (v. 13), uma barra de ferro (v. 19), um caminho estreito e apertado, (v. 20), uma névoa de escuridão (v. 23) um grande e

espaçoso edifício (v. 26). A visão da Árvore da Vida tornou-se icônica por seu poderoso simbolismo e doutrina profunda.

Surpreendentemente, muitos desses itens são mencionados como tendo sido testemunhados por Joseph Smith Sr., em um sonho ou visão que ele teve muitos anos antes do Livro de Mórmon vir à luz. Conforme relatado pela esposa de Joseph Sr., Lucy Mack Smith, o patriarca da família Smith começou a experimentar sonhos peculiares a partir do ano de

1811. Durante esse período, de acordo com Lucy, o pai Smith, assim como seu filho Joseph alguns anos mais tarde, “ficou muito entusiasmado com o assunto da religião; no entanto, ele não queria aderir a nenhum sistema de fé específico”.



Sem se afiliar a nenhuma denominação religiosa, Joseph Sr. buscou o verdadeiro evangelho de Jesus Cristo por conta própria. Lucy lembrou-se de que seu marido “contemplava profundamente a confusão e a discórdia que reinavam no mundo religioso” naquela época. Conforme preservado nas memórias de Lucy, o pai Smith recebeu a seguinte visão durante seu período de questionamento e busca religiosa:

1811 Visão de Joseph Smith Sr.

“Pensei [...] que estava percorrendo um campo aberto e desolado, que parecia ser muito árido; enquanto viajava assim, subitamente, me veio à mente o pensamento de que seria melhor parar e refletir sobre o que estava fazendo antes de prosseguir. Então, perguntei a mim mesmo: que motivo posso ter para viajar até aqui e que lugar pode ser este? Meu guia, que estava ao meu lado, disse: ‘Este é o mundo

desolado, mas prossiga’. O caminho era tão largo e deserto que eu me perguntava por que deveria andar por ele, pois, disse: “largo é o caminho, e espaçosa é a porta que leva à morte, e muitos são aqueles que entram por ela, mas estreito é o caminho, e estreita é a porta que leva à vida eterna, e poucos são aqueles que entram por ele”. Percorri uma curta distância e cheguei a um caminho estreito. Entrei nele, e percorrendo uma curta distância vi um belo riacho de água que corria do leste para o oeste. Deste riacho, eu não podia ver nem a nascente ou a foz, mas até onde meus olhos podiam alcançar, conseguia ver uma corda ao longo da costa, à altura de um homem; e além de onde eu estava, havia um vale raso, mas muito agradável, no qual havia uma árvore como eu nunca vira antes. Era extremamente bela, de modo que a olhei com espanto e admiração: seus belos galhos se estendiam, de certa forma, no formato de um guarda-chuva; e ela produzia um tipo de fruto, em forma, muito parecida com o ouriço de uma castanha, e tão branca ou mais branca do que a neve:

”Observei o fruto com grande interesse — naquele momento as cascas começaram a se abrir e a soltar suas partículas, ou o fruto que continham, que era de uma brancura deslumbrante. Aproximei-me e comecei a comê-lo e achei-o delicioso além da descrição; e, enquanto eu estava comendo, disse em meu coração: “não posso comer sozinho, preciso trazer minha esposa e filhos, para comerem comigo. Assim, eu fui e trouxe minha família, composta por minha esposa e sete filhos, e todos nós começamos a comer e louvar a Deus por essa benção — estávamos tão felizes que nossa alegria não podia ser facilmente expressa. Enquanto estávamos ocupados dessa maneira, vi um edifício espaçoso, situado em frente ao vale em que estávamos, que parecia chegar até os céus. Tinha muitas portas e janelas e todas elas estavam cheias de pessoas finamente vestidas. Quando essas pessoas nos observaram na parte inferior do vale, debaixo da árvore, eles apontaram o dedo com escárnio para nós; e nos trataram com todo tipo de desrespeito e desprezo. Porém, não nos importamos com seu desprezo. Logo me virei para o meu guia e perguntei-lhe sobre o significado do fruto. Ele me disse ser o puro amor de Deus que derrama nos corações de todos os que O amam e guardam Seus mandamentos. Então, ele ordenou que eu fosse e trouxesse o restante dos meus filhos. Eu disse a ele que estávamos todos lá. ‘Não’, respondeu ele, ‘olhe ali, você tem mais dois e deve trazê-los também.’”

Então, levantei os olhos e vi duas crianças pequenas, paradas a alguma distância. Imediatamente fui até elas e as levei até a árvore; elas começaram a comer com os demais, e todos nós nos alegramos juntos. Quanto mais comíamos, mais parecíamos querer fazê-lo, até que nos ajoelhamos e pegamos o fruto, comendo-o com as duas mãos cheias.

Após me banquetear dessa maneira por pouco tempo, perguntei ao meu guia qual era o significado do espaçoso edifício que eu via. Ele respondeu: ‘É a Babilônia, é a Babilônia; e ela deve cair: as pessoas nas portas e janelas são os habitantes dela; que desprezam e desprezam os santos de Deus por causa de sua humildade’. Logo acordei, batendo palmas de alegria”.

Várias semelhanças entre as visões de Leí e Joseph Sr. são imediatamente reconhecíveis:

VISÃO DE LEÍ DA ÁRVORE DA VIDA (LIVRO DE MÓRMON, 1830)	JOSEPH SMITH SR., 1811 VISÃO (RELATO DE LUCY SMITH, 1845)
“um grande e espaçoso edifício”	“um campo aberto e desolado”
“vi um homem [...] e ele pôs-se na minha frente”	“Meu guia que estava ao meu lado”
“um caminho estreito e apertado”	“um caminho estreito”
“um rio de água”	“um belo riacho de água”
“uma barra de ferro que se estendia pela barranca do rio”	“uma corda ao longo da margem”
“uma árvore”	“Uma árvore”
“o fruto era branco, excedendo toda brancura”	“uma espécie de fruta [...] mais branco do que a neve”
“vi que era a mais doce de todos os que já havia provado”	“achei-o delicioso além da descrição”
“portanto, comeci a desejar que dele também comesse minha família”	“Enquanto eu estava comendo, disse em meu coração: “não posso comer sozinho, preciso trazer minha esposa e filhos, para comerem comigo.”
“Cujo fruto era desejável para fazer uma pessoa feliz”	“Estávamos tão felizes que nossa alegria não podia ser facilmente expressa”
“e vi, na outra margem do rio de água, um grande e espaçoso edifício, e ele parecia estar no ar, bem acima da terra”	“vi um edifício espaçoso, situado em frente do vale em que estávamos, que parecia chegar até os céus.”
“E estava cheia de gente, tanto velhos como jovens, tanta homens como mulheres, e suas vestimentas eram muito finas”	“e todas elas estavam cheias de pessoas finamente vestidas.”
“sua atitude era de escárnio e apontavam o dedo”	“eles apontaram o dedo com escárnio para nós; e nos trataram com todo tipo de desrespeito e desprezo.”
“porém, não lhes demos atenção”	“Porém, não nos importamos com seu desprezo.”

Esses paralelos demonstram uma clara relação entre o Livro de Mórmon e o relato de Lucy sobre o sonho de seu marido. Pelo fato de Lucy ter se lembrado de que Joseph Sr. teve esse sonho em 1811, anos antes da publicação do Livro de Mórmon, o ponto de vista cético tem geralmente sido o de que Joseph Smith meramente usou detalhes do sonho de seu pai e os reformulou em seu próprio texto. Por muitas razões, entretanto, o ponto de vista cético é discutível.

Como “não há evidências de que Lucy Mack Smith tenha escrito seu material antes de 1845 e porque o

Livro de Mórmon foi escrito em 1829”, é justificável levantar questões sobre a direção da dependência textual entre essas duas fontes. Pode-se argumentar com a mesma facilidade, e de fato parece mais provável, que o relato de Lucy, ou as fontes nas quais ela se baseou (discutido abaixo), dependem do texto do Livro de Mórmon.

Por exemplo, o relato de Lucy sobre o sonho de seu marido inclui esta passagem: “Logo me virei para o meu guia e perguntei-lhe sobre o significado do fruto. Ele me disse ser o puro amor de Deus que derrama nos corações de todos os que O amam e guardam Seus mandamentos. Essa linguagem é tirada diretamente da própria explicação de Néfi sobre o significado da Árvore da Vida: “[É] o amor de Deus, que se derrama no coração dos filhos dos homens” (1 Néfi 11:22, ênfase adicionada).

Uma análise recente feita por Sharalyn D. Howcroft indica uma complexa composição histórica por trás das memórias de Lucy, o que complica ainda mais as coisas. Com base em sua pesquisa, Howcroft concluiu que a história de Lucy era “uma produção ainda mais estratificada” do que se imaginava anteriormente, o que deveria encorajar “os historiadores a começarem a usar a história de Lucy com cautela”. Essas camadas descobertas por Howcroft aparentemente incluíam contribuições e edições de escribas por Martha e Howard Coray, que atuaram como escribas de Lucy na produção de sua história.

Em vez de ser “uma obra de autoria singular”, como tem sido rotineiramente entendida pelos leitores comuns, a história de Lucy deve ser vista como “um exemplo de obra escrita por terceiros que se baseia fortemente em textos pré-existentes para dar mais detalhes à vida da família Smith”. Além das fontes identificadas por Howcroft, incluindo, potencialmente, uma fonte de Joseph Sr., com base no exemplo acima, que a história de Lucy também tenha se inspirado na linguagem do Livro de Mórmon e em outras escrituras. Sabendo disso, como não há outra fonte primária da visão de Joseph Sr., muito menos uma que seja anterior à publicação do Livro de Mórmon, “a natureza complexa das possíveis influências na narrativa da experiência onírica [de Joseph Sr.] durante um período tão longo está além de qualquer reconstrução exata”.

Isso não significa que Lucy ou os Corays estavam mentindo, ou agiram de forma enganosa, na maneira como relataram a visão de Joseph Sr. As práticas autorais e editoriais no século XIX não eram necessariamente tão rigorosas quanto hoje, e os escribas muitas vezes reformatavam ou reutilizavam o material de origem conforme consideravam apropriado para criar uma história convincente. Portanto, seria injusto julgar Lucy ou os Corays segundo os padrões editoriais modernos. Esse ponto é levantado apenas para aumentar a conscientização sobre a alta probabilidade de que a narrativa de Lucy do sonho que Joseph Sr. teve, mais de trinta anos antes da época de seu registro, tenha sido fortemente influenciada pela linguagem do Livro de Mórmon.

O porquê

O profeta Joel predisse a época em que Deus derramaria “o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos velhos sonharão sonhos, os vossos jovens verão visões” (Joel 2:28). Antes de aceitar o Evangelho Restaurado em 1830, Joseph Smith Sr. era um “buscador” religioso ou alguém “que [levava] a Bíblia e a oração pessoal a sério, mas sentia que o cristianismo tradicional havia se afastado da Bíblia”, portanto, buscou os ensinamentos puros de Cristo por conta própria. Ele era um homem de grande fé, mas também cético em relação às denominações religiosas de sua época.



Segundo a profecia de Joel, a fé de Joseph Sr., era forte o suficiente para que, assim como seu filho, ele fosse abençoado com sonhos e visões extraordinários. Não há dúvida de que as visões de Joseph, Sr., desempenharam um papel importante em motivá-lo a acreditar no testemunho de seu filho Joseph a respeito do surgimento do Livro de Mórmon, e a finalmente se filiar a uma denominação religiosa, tornando-se membro da Igreja Restaurada de Jesus Cristo.

Os céticos podem julgar as semelhanças entre os sonhos de Joseph Sr. e os sonhos de Leí como evidência de fraude (uma ideia jamais considerada por qualquer membro da família Smith). Porém, essa não precisa ser a conclusão padrão. Qualquer que tenha sido o papel do Livro de Mórmon na formação da memória de Lucy Smith sobre o sonho de seu marido (ou na formação da memória do próprio Joseph Sr. sobre o sonho, conforme preservado por Lucy), não há nada que impeça Deus de conceder visões comparáveis a homens e mulheres espiritualmente curiosos de qualquer época ou lugar.

Falando de dons espirituais, incluindo os dons de revelação e profecia, o profeta Morôni exortou seus leitores a se lembrarem “de que Ele é o mesmo ontem, hoje e para sempre; e que todos esses dons dos quais falei, que são espirituais, nunca desaparecerão enquanto o mundo existir” (Morôni 10:19).

Leitura complementar

Richard Lloyd Anderson, “Joseph Smith’s Home Environment”, *Ensign*, julho de 1971, disponível em [lds.org](https://www.lds.org).

Donald L. Enders, “Primeiros Seguidores Fiéis”, *A Liahona*, fevereiro de 2001, disponível em [lds.org](https://www.lds.org).

“The Influence of Joseph Smith’s New England Heritage”, em *Church History In The Fulness Of Times* (Salt Lake City, UT: The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 2003), pp. 15–30.

Central do Livro de Mórmon, “Como o Livro de Mórmon ajudou os primeiros santos a entender os dons espirituais?” *KnoWhy* 299 (26 de janeiro de 2018).

Sharalyn D. Howcroft, “A Textual and Archival Reexamination of Lucy Mack Smith’s History”, em *Foundational Texts of Mormonism: Examining Major*



© Central do Livro de Mórmon, 2018

Notas de rodapé

1. Lucy Mack Smith, History, 1845, p. 52, disponível em josephsmithpapers.org.
2. Lucy Mack Smith, History, p. 52.
3. Lucy Mack Smith, History, pp. 53–55.
4. Fawn M. Brodie, No Man Knows My History: The Life of Joseph Smith, 2nd rev. ed. (New York, NY: Knopf, 1971), p. 58; Dan Vogel, Joseph Smith: The Making of a Prophet (Salt Lake City, UT: Signature Books, 2004), pp. 14–15, 131, 395.
5. C. Wilfred Griggs, “The Book of Mormon as an Ancient Book”, em Book of Mormon Authorship: New Light on Ancient Origins, ed. Noel B. Reynolds (Provo, UT: FARMS, 1982), 95n4.
6. Lucy Mack Smith, History, pp. 54–55, ênfase adicionada.
7. Ver The Book of Mormon: An Account Written by the Hand of Mormon, upon Plates Taken from the Plates of Nephi (Palmyra, NY: Joseph Smith Jr., 1830), p. 25, disponível em josephsmithpapers.org.
8. Sharalyn D. Howcroft, “A Textual and Archival Reexamination of Lucy Mack Smith’s History”, em Foundational Texts of Mormonism: Examining Major Early Sources, ed. Mark Ashurst-McGee, Robin Jensen e Sharalyn D. Howcroft (New York, NY: Oxford University Press, 2018), pp. 298–335.
9. Howcroft, “A Textual and Archival Reexamination of Lucy Mack Smith’s History”, p. 299.
10. Howcroft, “A Textual and Archival Reexamination”, p. 323.
11. Howcroft, “A Textual and Archival Reexamination”, p. 325, ênfase adicionada.
12. Howcroft, “A Textual and Archival Reexamination”, pp. 307–315.
13. Howcroft, “A Textual and Archival Reexamination”, pp. 324–325, apontou que o uso dominante do ponto de vista em primeira pessoa [no relato da visão de Joseph Sr.] sugere que ela “não foi ditada por Lucy, mas veio de manuscritos anteriores escritos por Joseph Smith Sr. antes de sua morte em 1840”.
14. Ver também Lucy Mack Smith, History, p. 14 (Mateus 6:20), p. 70 (Salmos 136:1), p. 142 (Lucas 18:4); Lucy Mack Smith, History, 1844–1845, p. [2], bk. 14 (=Eclesiastes 12:7; Mateus 6:23), disponível em <https://www.josephsmithpapers.org>. Estas e muitas outras citações bíblicas e alusões adicionais foram identificadas ao longo da história de Lucy por Lavina Fielding Anderson, ed. Lucy’s Book: Critical Edition of Lucy Mack Smith’s Family Memoir (Salt Lake City, UT: Signature Books, 2001), ao longo do livro.
15. Uma descrição da visão de Joseph Sr. e dos evidentes paralelos à visão de Leí não existe em nenhuma das fontes anteriores dos Coray, sendo preservada no manuscrito conhecido hoje como Fair Copy 2. Howcroft, “A Textual and Archival Reexamination”, p. 312, no. 50.
16. Griggs, “The Book of Mormon as an Ancient Book”, p. 95, no. 4.
17. Howcroft, “A Textual and Archival Reexamination”, p. 326. Isso também é evidente na maioria da história publicada de Joseph Smith. Ver a discussão em Dean C. Jessee, “The Writing of Joseph Smith’s History”, BYU Studies 11, no. 4 (1971): pp. 439–473; “The Reliability of Joseph Smith’s History”, Journal of Mormon History 3 (1976): pp. 23–46.
18. Ver Blake T. Ostler, “The Book of Mormon as a Modern Expansion of an Ancient Source”, Dialogue: A Journal of Mormon Thought 20, no. 1 (primavera de 1987): p. 71.
19. Joseph Smith Sr. foi batizado por Oliver Cowdery na recém-organizada Igreja de Cristo em 6 de abril de 1830. Ver “Smith, Joseph, Sr.”, disponível em josephsmithpapers.org.
20. Donald L. Enders, “Primeiros Seguidores Fiéis”, A Liahona, fev. 2001, p. 52; Richard L. Anderson, Joseph Smith’s New England Heritage, rev. ed. (Salt Lake City e Provo, UT: Deseret Book e BYU Press, 2003), pp. 141–142.
21. “Joseph Sr., tinha fome da verdade, mas achava melhor não frequentar nenhuma igreja do que frequentar a denominação errada. Seguindo o conselho de seu pai, Joseph Sênior examinou as escrituras, orou fervorosamente e acreditou que Jesus Cristo viera para salvar o mundo. No entanto, ele não conseguia conciliar o que pensava ser a verdade com a confusão e a discórdia que via nas igrejas ao seu redor”. Ver “Pedir com fé”, em Santos: A História da Igreja de Jesus Cristo nos Últimos Dias, disponível em history.lds.org.
22. Lucy relatou pelo menos sete visões que seu marido teve entre os anos de 1811 a 1819, aproximadamente. Howcroft, “A Textual and Archival Reexamination”, p. 312; A. Gary Anderson, “Smith, Joseph Sr.”, em Encyclopedia of Mormonism, 4 v. Daniel H. Ludlow (Nova York, NY: Macmillan, 1992), 3: p. 1348.
23. As Escrituras contêm muitos relatos de profetas que compartilharam experiências visionárias semelhantes. Por exemplo, Néfi e João tiveram a mesma visão dos últimos dias (1 Néfi 14:18–30). Quanto à visão dos filhos da perdição, o Senhor declarou: “Contudo, eu, o Senhor, mostro-o em visão a muitos, mas imediatamente torno a encerrá-la” (D&C 76:47). As teofanias do trono também são frequentemente muito semelhantes nos relatos bíblicos. Ver o artigo da Central do Livro de Mórmon, “Como o Senhor chamava aos profetas antigamente?” KnoWhy 17, (20 de janeiro de 2017). Sabendo disso, a ideia de que o Senhor pode ter mostrado a Joseph Sr. algo muito semelhante à visão da Árvore da Vida no Livro de Mórmon não é tão exagerada e, de fato, pode até explicar porque Lucy contou a visão de seu marido na linguagem do Livro de Mórmon de uma forma que enfatizasse as semelhanças.